

Construções de *small clauses* complexas em português brasileiro

(Complex small clauses constructions in Brazilian Portuguese)

Patrícia Rodrigues,¹ Maria José Foltran²

^{1,2}Universidade Federal do Paraná (UFPR)

rodriguespatriciaa@gmail.com, mariajose.foltran@gmail.com

Abstract: This work is concerned with copular clauses in Brazilian Portuguese as (1a) *A Maria bêbada é chata* e (1b) *A Maria bêbada é chato*. In the sentence (1a), in the relevant reading, the adjective *bêbada* is a predicative adjective, and the sentence can be paraphrased as *A Maria quando está bêbada é chata*. The sentence in (1b) has as its subject a constituent that refers to a situation, and can be paraphrased as *A Maria estar bêbada é chato*. The current standard analysis for copular sentences claims that the copula selects a small clause (SC) complement. The agreement marks in the sentence (1a) suggest that the subject of the selected SC is a DP. Under this view, we will argue that the adjective *bêbada* in (1a) must be analyzed as a secondary predicate. For the sentence in (1b), we argue that a SC subject analysis – *Ser [_{SC} [_{SC} a Maria bêbada] chato]]* – can explain the agreement facts observed.

Keywords: small clause; secondary predication; copula.

Resumo: Este trabalho examina as seguintes sentenças do português brasileiro: (1a) *A Maria bêbada é chata* e (1b) *A Maria bêbada é chato*. Na sentença (1a), na leitura relevante, o adjetivo *bêbada* é um adjetivo predicativo, e a sentença pode ser parafraseada como *A Maria quando está bêbada é chata*. A sentença (1b) tem como sujeito um constituinte que denota uma situação e pode ser parafraseada como *A Maria estar bêbada é chato*. A análise corrente para construções copulares propõe que a cópula seleciona uma *small clause* (SC) complemento. As marcas de concordância em (1a) sugerem que o sujeito da SC selecionada é um DP. Assim, propomos neste trabalho que o adjetivo *bêbada* em (1a) deve ser analisado como um predicado secundário. Para a sentença (1b), argumentamos que uma análise da SC como sujeito – *Ser [_{SC} [_{SC} a Maria bêbada] chato]]* – pode explicar os fatos de concordância observados.

Palavras-chave: small clause; predicação secundária; cópula.

Introdução

Este trabalho examina construções copulares do português brasileiro como as ilustradas em (1).

- (1) a A Maria bêbada é chata.
b A Maria bêbada é chato.

Uma primeira diferença a ser observada entre essas construções é a forma do adjetivo “chato”: em (1a), ele é marcado para o gênero feminino, enquanto em (1b), apresenta forma neutra (masculino singular). Além disso, as interpretações de (1a) e de (1b) são diferentes. A construção em (1a) é ambígua entre uma leitura, parafraseada em (2a), em que o adjetivo *bêbada* é modificador do nome *Maria* (pressupõe-se que há uma outra Maria que não está bêbada), e uma leitura, parafraseada em (2b), em que o adjetivo *bêbada* é predicativo. Nessa interpretação, que é a relevante para este trabalho, o adjetivo

chata atribui uma propriedade ao DP *A Maria*. Já na sentença em (1b), o adjetivo *chato* atribui uma propriedade a uma situação; essa leitura está parafraseada em (3).

- (2) a A Maria que está bêbada é chata
b A Maria é chata quando está bêbada
- (3) A Maria estar bêbada é chato

Ainda, no caso de (1a), o adjetivo *bêbada* pode ocupar diferentes posições na sentença sem que haja mudança no significado, como ilustrado em (4a-b). Isso não ocorre no caso da sentença (1b), como pode ser visto em (5a-b)..

- (4) a A Maria é chata bêbada.
b Bêbada, a Maria é chata.
- (5) a *A Maria é chato bêbada.
b *Bêbada, a Maria é chato.

Compararemos as construções em (1) com a sentença em (6), que apresenta o mesmo tipo de concordância neutra observado em (1b). O que as diferencia é o formato do constituinte sujeito: em (6) não temos SC. Uma abordagem mais aprofundada sobre (6) está fora do escopo deste trabalho.¹

- (6) Alunas que bebem é chato.

O objetivo deste trabalho é examinar as propriedades das sentenças em (1) e discutir em que medida essas propriedades estão ligadas à estrutura sintática dessas sentenças. Para apoiar nossa descrição, partimos de uma análise das construções copulares já consagrada na literatura que postula que a cópula é um verbo inacusativo que seleciona uma *small clause* (SC). É importante salientar que este estudo possui um objetivo essencialmente descritivo. Procuramos fornecer uma boa caracterização das construções em tela, para que estudos mais aprofundados possam ser posteriormente desenvolvidos.

Na primeira seção do artigo, discutiremos as propriedades da construção em (1a), que apresenta uma concordância marcada. As marcas de concordância e os fatos relativos à ordem ilustrados em (5a) sugerem que o sujeito da SC selecionada é o DP *a Maria* e que o adjetivo *bêbada* seria um predicado secundário. Veremos que existe na literatura uma distinção que separa os predicados secundários depictivos típicos dos circunstanciais. Mostraremos que, para a leitura apontada em (2b), o adjetivo *bêbada* em (1a) pode ser classificado como um predicado secundário do tipo circunstancial, e discutiremos as implicações dessa classificação para a determinação da estrutura da sentença. Em seguida, na segunda seção, discutiremos as propriedades das sentenças em (1b). No que diz respeito à sentença em (1b), propomos que o sujeito da SC selecionada pela cópula é também uma SC, como representado em (7). Realizaremos, em seguida, uma breve discussão sobre a sentença em (6). Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

- (7) Ser [_{SC} [_{SC} a Maria bêbada] chato].

¹ A esse respeito, ver Foltran e Rodrigues (2012).

A concordância marcada

Como discutido na introdução, o adjetivo *chata* na sentença (1a) predica sobre o DP *a Maria*. Considerando a análise em que a cópula seleciona uma SC, propomos que a ordem de base da sentença (1a) seria a da sentença (5a). Assim, a cópula SER selecionaria a SC *A Maria chata* e o adjetivo *bêbada* funcionaria como um predicado secundário orientado para o sujeito: a propriedade denotada pelo predicado secundário (*bêbada*) se sobrepõe temporalmente à propriedade expressa pelo predicado matriz (*chata*). A variação apresentada em (5a-a'), no entanto, não é uma característica dos predicados secundários como um todo, como é possível observar em (8) e (9), que trazem exemplos de sentenças com predicados secundários também orientados para o sujeito.

- (8) a A Maria chegou em casa cansada.
b ??Cansada, a Maria chegou em casa.
c ??A Maria cansada chegou em casa.
- (9) a A Maria comeu a sobremesa bêbada.
b ??Bêbada, A Maria comeu a sobremesa.
c ??A Maria bêbada comeu a sobremesa.

De modo geral, na literatura, os predicados secundários são divididos em depictivos e resultativos. Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), contudo, com base em Nichols (1981) e Simpson (2005), reconhecem ainda uma subdivisão no domínio dos depictivos entre depictivos em sentido estrito (*depictives proper*) (10) e circunstanciais (11).

- (10) a They left angry.
b She died young.
- (11) a This food is not supposed to be nice cold.
b I can't work hungry.

Os autores afirmam que esses dois tipos de predicado expressam um estado que se sobrepõe temporalmente ao estado expresso pelo predicado principal, mas que os circunstanciais fornecem informação adicional com relação à circunstância do evento principal (tempo, condição, concessão). Os autores afirmam igualmente que, em algumas línguas, inclusive em inglês, esses dois tipos de predicado se distinguem no que diz respeito à interação com o foco da sentença. Os predicados secundários típicos (*depictives proper*) fariam parte do domínio focal da oração em que aparecem, ao passo que os predicados secundários circunstanciais contribuiriam com a informação pressuposta. Por exemplo, nos casos ilustrados em (10), o foco cai sobre os adjetivos *angry* e *young*. Esse não é o caso dos adjetivos *cold* e *hungry*,² em (11).

Isso explicaria, de acordo com os autores, por que, diferentemente dos circunstan-

2 De acordo com Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), a sentença em (i) só seria aceitável em um contexto contrastivo, como em (ii).

??This tea isn't good COLD.
This tea isn't good COLD, it's good HOT.

ciais, os depictivos em inglês não são normalmente aceitos no início da sentença, a não ser em contextos contrastivos, e por que eles entram no escopo da negação sentencial, como pode ser observado em (12). Não é possível interpretar a negação em (12) como uma negação apenas do predicado principal. A negação tem escopo ou sobre os dois predicados (12a) ou somente sobre o predicado secundário (12b-c). Já os predicados secundários circunstanciais aparecem fora do escopo da negação, como ilustrado em (11). Ou seja, é possível negar o predicado principal sem negar o predicado secundário.

- (12) a No! They didn't leave outraged, they didn't leave at all.
 b They didn't leave outraged (they left happy).
 c She didn't die young, she died in her seventies.

Essa distinção entre dois tipos de predicados secundários depictivos também é encontrada em português. Foltran (1999) observa que as sentenças em (13a-b), ambas com um adjetivo no papel de predicado secundário orientado para o sujeito, têm comportamentos distintos com relação às paráfrases possíveis para cada uma (13a'-b') e também com relação ao alcance da negação (13a''-b''). Outro exemplo pode ser visto em (14), que é ambígua entre duas leituras, conforme o adjetivo *bêbada* esteja (15) ou não (16) no domínio focal da sentença. Essas leituras estão respectivamente parafraseadas em (17).

- (13) a João chegou cansado.
 a' João estava cansado quando chegou.
 a'' João chegou cansado? #Não, ele não chegou.
 b João é insuportável bêbado.
 b' João é insuportável quando está bêbado.
 b'' Ele é insuportável bêbado? Não, ele não é.

(14) A Maria dança valsa bêbada.

(15) (— *Como que a Maria dança valsa?*)
 — A Maria dança valsa bêbada.

(16) (— *O que a Maria faz bêbada?*)
 — A Maria dança valsa bêbada.

- (17) a Quando a Maria dança valsa, ela está bêbada.
 b Quando a Maria está bêbada, ela dança valsa.

Considerando a classificação de Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), o predicado secundário em (14) pode ser descrito seja como um depictivo em sentido estrito (15), seja como um circunstancial (16). É possível observar, nesses casos, as propriedades relativas a cada tipo de predicado secundário, como discutidas pelos autores.

Em primeiro lugar, há uma diferença relacionada com as posições que o adjetivo *bêbada* pode ocupar na sentença. Quando o adjetivo é deslocado, como em (18), a única leitura possível é a parafraseada em (17b).

- (18) a A Maria bêbada dança valsa.
b Bêbada, a Maria dança valsa.

Ainda, as duas leituras da sequência em (14) estão relacionadas a uma diferença de escopo da negação sentencial. Para a sentença em (19a), em que o escopo da negação inclui apenas o adjetivo *bêbada*, a única leitura possível é a leitura em (17a). Já para a sentença em (19b), em que o escopo da negação inclui apenas o predicado principal, a única leitura possível é a de (17b).

- (19) a A Maria não dança valsa bêbada, ela dança valsa sóbria.
b A Maria não dança valsa bêbada, ela toca guitarra bêbada.

Geuder (2000), em discussão sobre depictivos em inglês, examina casos como o da sentença em (20a), que estamos chamando de depictivos típicos, como sugerido por Himmelmann e Schultze-Berndt (2005). Para o autor, os depictivos ocorrem sempre em posição final e são ancorados ao evento principal. Ele afirma que, quando construções com depictivos são parafraçadas por *when-clauses*, o adjetivo regularmente aparece como predicado principal, como em (20b). Essa correspondência resultaria do fato de que os depictivos, em posição final, atraem o acento focal; assim, como a *when-clause* normalmente pressupõe que o evento descrito é em certo sentido “conhecido”, é a oração principal que contém informação nova.

- (20) a John left the party sad
b John was sad when he left the party

Para Geuder (2000), os depictivos em inglês, tanto os orientados para o sujeito, como os orientados para o objeto, são adjungidos à direita no nível do VP. Ele justifica a adjunção nesse nível mostrando que a negação sentencial tem, invariavelmente, escopo sobre o depictivo. A sentença (21), por exemplo, não significa que Bill, bravo com John, não foi embora, mas que Bill não estava bravo com John quando foi embora. Geuder conclui que, se a adjunção ocorresse no nível de IP, esse fato seria inesperado. Com relação a esse aspecto, ele distingue os depictivos de outros elementos adjungidos à direita, que podem ser interpretados dentro ou fora do escopo da negação, como nos exemplos em (22). A desambiguação é feita pela entoação: se o adjunto está fora do escopo da negação, o VP *kiss his wife* recebe o acento sentencial não marcado e o adjunto recebe um acento próprio. Quando o acento é distribuído sobre os elementos pós-verbais, isso é normalmente considerado como indicação de que esses elementos estão contidos no VP.

- (21) Bill didn't leave angry at John.
(22) a John didn't kiss his wife, [because he loves her].
b John didn't kiss his wife (,) deliberately.

Geuder estabelece um paralelo ainda entre depictivos e adverbiais temporais adjungidos ao VP. Muitos dos adverbiais seriam, para o autor, ambíguos com relação a uma anco-

ragem no tempo de referência e uma ancoragem no tempo do evento.³ Para os adverbiais em início de sentença, somente a ancoragem no tempo de referência seria possível (23a), mas, para os adverbiais em posição final, ambas as ancoragens seriam possíveis, como exemplificado em (23b-c) (a distinção entre (23b) e (23c) é realizada pela entoação). As sentenças em (23a) e (23b) são sinônimas – às dez horas é o tempo depois da partida. Já no caso de (23c), a única leitura disponível é aquela em que a hora da partida é identificada como às dez horas – nesse caso, o adverbial seria adjungido ao VP, como os depictivos.

- (23) a At ten, John had léft.
b John had léft at ten.
c John had left at tén.

Ainda que Geuder não discuta casos como os mencionados por Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), listados em (11), ou casos como os do português, exemplificado em (14), é possível estender o paralelo que faz o autor e afirmar que os depictivos circunstanciais, diferentemente dos depictivos típicos, não estão adjungidos no nível de VP.

Retomando a discussão sobre a sentença (1a), objeto deste trabalho, cabe observar que ela possui uma leitura preferencial, cuja paráfrase, vista em (2), está repetida em (24a). Nessa leitura, o adjetivo *bêbada* não está no domínio focal da sentença. A leitura em que o foco cai sobre esse adjetivo é mais difícil de ser obtida (24b). Considerando-se ainda que, na leitura preferencial, esse adjetivo pode ocupar posições variadas na construção (25) e que pode ficar fora do escopo da negação sentencial (26a), ele pode ser descrito como um predicado secundário circunstancial. Assim, com base no que foi discutido acima, propomos que, para a leitura preferencial de (1a), o adjetivo *bêbada* não está adjungido no nível do VP, mas do IP. Se, no entanto, considerarmos a leitura não preferencial (24b), o adjetivo *bêbada* deve ser analisado como um depictivo típico, estando, portanto, adjungido a VP. Nesse caso, (25b-c) seriam inaceitáveis, e o foco da negação recairia sobre o adjetivo *bêbada* (26b).

- (24) a A Maria é chata quando está bêbada. (cf. A Maria é CHATA bêbada)
b #A Maria quando fica chata, está bêbada. (cf. A Maria é chata BÊBADA)
- (25) a A Maria é chata bêbada.
b A Maria bêbada é chata.
c Bêbada, a Maria é chata.
- (26) a A Maria não é chata bêbada, ela é divertida.
b #A Maria não é chata bêbada, ela é chata sóbria.

Como observado na introdução do trabalho, nosso objetivo não é aprofundar a discussão sobre as construções examinadas.⁴ Assim, não discutiremos em detalhes a estrutura dessas construções. Acreditamos, no entanto, que as propriedades apontadas são importantes e devem ser consideradas em estudos futuros.

³ Para Geuder (2000), *tense is taken as a relation between utterance time and reference time (i.e., the time a claim is made about)*.

⁴ Para maiores detalhes, ver Foltran et al (2012).

A concordância neutra

Nesta seção, discutiremos as sentenças em (1b) e em (6), que apresentam concordância neutra. No caso da sentença (1b), propomos que a concordância neutra se deve ao fato de o sujeito da construção ser uma SC; ou seja, haveria uma concordância *default* típica de casos com sujeitos oracionais.

Não analisamos o sujeito em (1b) como um DP, porque, se fosse o caso, isso significaria que o adjetivo *bêbada* estaria incluído nele. No entanto, como vimos na introdução deste trabalho, numa leitura em que o adjetivo *bêbada* é modificador do nome *Maria* (em que se pressupõe que há uma outra *Maria* que não é/está bêbada), o adjetivo *chato*, predicado da construção copular, deve concordar em gênero e número com o DP *a Maria*. Com a concordância neutra, como em (1b), essa leitura não é possível. Vimos também que, na leitura em que o adjetivo *bêbada* está fora do DP sujeito e funciona como um predicado secundário, o adjetivo *chato* também deve concordar com o DP *a Maria* (leitura parafraseada em (2) e repetida em (27)); além disso, nessa leitura, vimos que o adjetivo *bêbada* pode ocupar outras posições na sentença. Na sentença em (1b), a única interpretação possível é aquela em que o adjetivo *chato* atribui uma propriedade ao que podemos chamar de situação (leitura parafraseada em (3) e repetida em (28)), e é o constituinte *a Maria bêbada* (parafraseado como *A Maria estar bêbada*) que denota essa situação. Assim, a configuração que defendemos para a sequência *a Maria bêbada* em (1b) é a de uma SC sujeito da SC selecionada pela cópula, como representado em (7), e repetido em (29).

(27) A *Maria* é chata quando está bêbada. (leitura preferencial de (1a))

(28) A *Maria* estar bêbada é chato.

(29) Ser [_{SC} [_{SC} *a Maria bêbada*] chato]].

Outros autores reconhecem a possibilidade de uma SC poder ocupar a posição de sujeito, como ilustrado em (30).⁵

(30) a Will President Botha set him free to allow him to take part in that process? Or does he fear that Mandela free would pose a greater threat than Mandela behind bars. (AARTS, 1992, p. 45)

b Mandela behind bars would undoubtedly suit the government. (HAEGEMAN; GUÉRON, 1999, p. 120)

c Mary sad would be hard to deal with. (CONTRERAS, 1987, p. 233)

Além disso, essa sequência pode aparecer como complementos de predicados que selecionam SCs, como o verbo *querer* ou *preferir* (31a) (CARREIRA, 2008). Nesses casos, os argumentos levantados para se defender que a sequência *a Maria bêbada* é uma SC dizem respeito à falta de acarretamento necessário observado na sentença em (31b) e à possibilidade de movimentação da sequência como um todo, como em (31c).

(31) a O João quer / prefere a *Maria bêbada*.

b #O João quer / prefere a *Maria*.

c A *Maria bêbada*, o João quer / prefere.

⁵ Grifo nosso.

É possível argumentar igualmente que essa mesma sequência pode aparecer como sujeito de verbos como *surpreender*, que selecionam um argumento externo que pode se realizar sintaticamente como uma oração (32a). O exemplo em (32c) mostra que a sequência *A Maria bêbada* em (32b) pode ser analisada como um constituinte oracional, que não desencadeia concordância verbal. Ou seja, em (32c), se o sujeito fosse um DP, o verbo apresentaria marca de plural; na nossa opinião, a ausência dessa marca implica, nesse caso, que o sujeito deve ser analisado como uma SC. É possível, assim, estender essa análise para a sentença em (32b), postulando que a concordância observada no verbo é neutra.

- (32) a Que a Maria tenha bebido surpreendeu todo mundo.
b A Maria bêbada surpreendeu todo mundo.
c As alunas bêbadas surpreendeu todo mundo.

Dessa forma, propomos que a sequência *A Maria bêbada* em (1b) seja analisada como uma SC.⁶ Isso explicaria a concordância neutra que aparece na cópula e no adjetivo. Contudo, o caso da sentença em (6), repetida em (33), não pode ser explicado da mesma maneira. Nessa sentença, o sujeito *alunas que bebem* – um nominal modificado por uma relativa – é claramente um DP.

- (33) Alunas que bebem é chato.

Essa possibilidade foi originalmente apontada por Baltin (1998), em argumentação contra a análise da construção do inglês dada em (34), proposta por Safir (1983). Safir afirma que a concordância da cópula no singular exclui a possibilidade de que a sequência *workers angry about the pay* seja analisada como um NP seguido de um adjetivo atributivo (i.e. *the workers who were angry about the pay*). Para Safir, essa sequência deve ser interpretada como uma situação e analisada como um constituinte oracional (*a clausally interpreted construction*). Safir propõe que esse tipo de construção pode servir como uma evidência para a existência de SCs (1983).

- (34) Workers angry about the pay is just the sort of situation that the ad campaign was designed to avoid. (SAFIR, 1983, p. 732)

Baltin (1996) argumenta contra a análise de Safir com base nos dados em (35).⁷ De acordo com Baltin, o sujeito em (35a) só pode ser analisado como um nominal com um adjetivo pré-nominal, e o sujeito em (35b) só pode ser analisado com um nominal modificado por uma relativa. Assim, para o autor, esses constituintes obviamente não são SCs. Ele conclui então que a sequência *workers angry about the pay* em (34) constitui um DP e que a concordância no singular não serve como diagnóstico para SCs. Para ele, esses fatos mostram que a concordância deve ser, ao menos parcialmente, um fenômeno semântico, e não puramente sintático.

- (35) a Several angry workers is just the sort of situation that the ad campaign was designed to avoid.
b Workers who are angry about the pay is just the sort of situation that the ad campaign was designed to avoid.

⁶ Maiores detalhes sobre a constituência dessa SC estão em Foltran et al (2012).

⁷ Exemplos (5a-b), p. 514.

Ainda que estejamos de acordo com Baltin quando ele afirma que a concordância no singular observada por Safir não constitui um argumento para se postular uma SC no caso de (34), haja vista os casos em (35), discordamos de sua conclusão de que *workers angry about the pay* é necessariamente um DP. O fato de que a concordância neutra não seja evidência para analisar essa sequência como uma SC não significa que o sujeito em (34) não possa ser uma SC. De acordo com o que foi discutido acima sobre a sentença (1b), acreditamos que é plausível postular que uma construção copular possa apresentar como sujeito uma SC. No entanto, a questão levantada por Baltin (1996) é pertinente, e os casos como o da sentença em (33) devem ser explicados.

Retomando o que foi visto até agora, teríamos, em princípio, dois casos de construções copulares em que aparece a concordância neutra: a sentença em (1b), repetida em (36a), e a sentença em (33), repetida em (36b). No caso de (36a), a análise do constituinte sujeito como uma SC explicaria os fatos de concordância. Contudo, essa explicação não estaria disponível para (36b), já que o constituinte sujeito forma claramente um DP. O que deve ser explicado, então, é como constituintes que formam claramente DPs plurais podem não desencadear concordância na cópula e no adjetivo. Além disso, também pede uma explicação o fato de que, em (36b), há desencadeamento de concordância dentro do DP (entre *alunas* e *bebem*). É necessário observar que a concordância neutra não é obrigatória nesses casos. No entanto, vale lembrar que, quando a concordância é marcada, a interpretação que se obtém é diferente (37). Nas sentenças em (37), não se fala mais de situações, mas de indivíduos.

- (36) a A Maria bêbada é chato.
b Alunas que bebem é chato.

- (37) a A Maria bêbada é chata.
b Alunas que bebem são chatas.

Assim, de um ponto de vista descritivo, podemos afirmar que tanto SCs quanto DPs podem denotar uma situação, e que os casos em que a concordância é neutra parecem coincidir, em princípio, com os casos em que o constituinte sujeito denota uma situação. A questão que se coloca é a de saber se SCs e DPs têm propriedades em comum que, por um lado, permitem que esses constituintes denotem situações, e que, por outro, fazem com que a concordância não seja disparada. Com o objetivo de entender melhor o fenômeno da concordância neutra, discutiremos a seguir algumas propriedades dessas construções. Em primeiro lugar, examinaremos os predicados passíveis de aparecerem como predicado principal nessas sentenças copulares. Em seguida, examinaremos os seus constituintes sujeitos, discutindo, com relação à SC sujeito, os tipos de sujeito e de predicado que a constituem, e, com relação ao DP, quais características que o capacitariam a denotar uma situação. Voltamos a salientar que nosso objetivo é tão somente fornecer uma descrição dessas construções, sem nos aprofundar na determinação da estrutura de cada um desses constituintes nem na determinação do mecanismo que explicaria os fatos de concordância.

A fim de embasar minimamente nossa descrição dos fatos observados, recorremos ao estudo de Hegarty (2003) sobre entidades abstratas. O autor, com base em Asher (1993), situa proposições, fatos, situações, razões, eventos e estados em um espectro de

imanência ao mundo, “according to the degree to which they are entities in the world, interacting with other entities in space and time” (HEGARTY, 2003, p. 893). Para o autor, fatos, situações e razões ocupariam uma posição intermediária entre eventos e proposições. Desse ponto de vista, “situations have locations in time and space, rather like events and states, but situations include ramifications to an extent that events and states do not, making them less definitively bounded in space and time” (p. 892). Considerando as propriedades de uma situação, Hegarty (2003) propõe que predicados como *(in)tolerable*, *(ir)reversible* or *can(’t) be remedied* tomariam situações como argumentos, pois uma situação pode incluir efeitos persistentes, que são passíveis, por exemplo, de serem tolerados (ou não). Com base nessa definição, podemos acrescentar outros predicados à lista, como *temporário*, *passageiro*, *inconcebível*, *incontornável*.

Dessa forma, é plausível afirmar que as sequências *a Maria bêbada*, na sentença em (36a), e *alunas que bebem*, em (36b), podem referir-se a situações, como pode ser inferido dos exemplos em (38). As sentenças em (39) nos mostram, ao contrário, que essa sequência dificilmente pode fazer referência a um evento (39a) ou a uma proposição (39b).

- (38) a A Maria bêbada é intolerável / inconcebível / passageiro / incontornável / irremediável.
 b Alunas que bebem é intolerável / inconcebível / passageiro / incontornável / irremediável.
- (39) a *A Maria bêbada / alunas que bebem aconteceu ontem.
 b *A Maria bêbada / alunas que bebem é verdade.

Em (40), pode-se confirmar que esses constituintes sujeitos não podem se combinar com predicados que atribuem propriedades exclusivamente a indivíduos, como *orgulhoso* ou *preguiçoso*. Nesses casos, a concordância é obrigatória (41).

- (40) a *A Maria bêbada é orgulhoso / preguiçoso.
 b * Alunas que bebem é orgulhoso / preguiçoso.
- (41) a A Maria bêbada é orgulhosa / preguiçosa.
 b Alunas que bebem são orgulhosas / preguiçosas.

A partir dessa breve discussão, pode-se estabelecer uma relação, nos casos examinados, entre o fenômeno da concordância neutra e predicados que, segundo Hegarty (2003), selecionam uma situação como argumento. Descreveremos a seguir os tipos de sujeitos passíveis de aparecerem como sujeito dessas construções.

A SC como sujeito da cópula

Com relação à SC sujeito da cópula, é possível observar uma interação entre o tipo do predicado da SC e o tipo do predicado principal. Por exemplo, com o predicado principal *intolerável*, a SC não pode ser construída com um predicado *individual-level*, a não ser que se atribua a esse predicado uma leitura de propriedade transitória, como pode-se ver em (42). A sentença em (42a) só pode ser interpretada como (42c), e não como (42b).

- (42) a ??A Maria inteligente é intolerável / passageiro.

- b A Maria ser inteligente é intolerável.
- c ?A Maria estar inteligente é intolerável.

Já no caso de predicados como *inconcebível*, existe a possibilidade de os predicados da SC serem do tipo *individual-level* (43a). Nesse caso, (43a) pode ser interpretada como (42b) ou como (43c).

- (43) a A Maria inteligente é inconcebível.
- b A Maria ser inteligente é inconcebível.
- c ?A Maria estar inteligente é inconcebível.

Uma discussão detalhada sobre a ontologia das entidades abstratas está fora do escopo deste trabalho. Ainda assim, gostaríamos de observar que, nesses casos, é possível falar de dois tipos de situação. De um lado, tem-se uma situação que pode ser descrita como *realis*, no sentido de que a situação a que se faz referência já ocorreu ao menos uma vez; essa entidade apresentaria uma compatibilidade maior com predicados como *intolerável*. De outro, tem-se uma situação que pode ser descrita como *irrealis*, no sentido de que a situação a que se faz referência existe como possibilidade; essa entidade apresentaria uma compatibilidade maior com predicados como *inconcebível*.

Com relação ao sujeito da SC, não parece haver restrições: eles podem ser genéricos ou existenciais, definidos ou não (44).

- (44) (As/minhas) aluna(s) bêbada(s) é inconcebível / intolerável.

O DP como sujeito da cópula

Nos casos em que o sujeito da construção copular é um DP,⁸ é possível notar que há uma restrição contra DPs definidos específicos (45). Contudo, ainda que o DP seja composto por nominais genéricos, esses nominais, quando são concretos, devem apresentar algum tipo de modificação (46).

- (45) *A(s) aluna(s) que bebe(m) é intolerável / inconcebível.
- (46) a *Aluna / alunas é intolerável / inconcebível
- b Aluna(s) que bebe(m) é intolerável / inconcebível.
- c Uma aluna que bebe é inconcebível.
- d Tristeza é passageiro.

Além da modificação pela relativa, outros casos de modificação são igualmente possíveis, como em (47). Considerando a possibilidade de que o sujeito da cópula possa ser também uma SC, como discutido acima, levantamos a hipótese de que a sentença em (47) é ambígua, com seu sujeito podendo ser analisados como uma SC ou como um DP. Ou seja, o adjetivo *bêbada* poderia ser analisado como predicado de uma SC ou como modificador de *alunas*. Explicando melhor, no caso de uma SC, como vimos acima, o seu sujeito pode ser específico ou genérico (44). Já nos casos em que o sujeito é um DP, ele

⁸ Há propostas de se analisar esse DP como uma infinitiva reduzida. Ver em Foltran e Rodrigues (2012) evidências contra essa análise.

deve ser genérico (46). Assim, o nominal da sentença em (47), que é genérico, poderia ser tanto sujeito de uma SC quanto um DP modificado. Os exemplos em (48) mostram mais claramente a diferença entre os dois tipos de sujeito. Em (48a), *chatas* é um modificador de *aulas*, o sujeito da sentença é um DP definido específico, a sentença é inaceitável; já em (48b), *chatas* funciona como predicado em uma SC que tem como sujeito *as aulas do Pedro*. Essa SC é sujeito da sentença, nesse caso, aceitável.

(47) a Alunas bêbadas é inconcebível. (alunas estarem bêbadas / alunas que bebem)

(48) a *As aulas chatas do Pedro é inconcebível.

b As aulas do Pedro chatas é inconcebível.

Vale notar que os adjetivos presentes nos DPs sujeitos dessas construções devem ser do tipo predicativo. DPs construídos com os chamados adjetivos argumentais ou não predicativos (NEGRÃO et al., 2008; RIO-TORTO, 2006) não são passíveis de denotar uma situação, como ilustrado em (49)-(51).

(49) a *Decisões presidenciais é intolerável / inconcebível.

b Decisões precipitadas é intolerável / inconcebível.

(50) a *Flores campestres é intolerável / inconcebível.

b Flores perfumadas é intolerável / inconcebível.

(51) a *Sistemas solares é intolerável / inconcebível.

b Sistemas vulneráveis é intolerável / inconcebível.

Devemos observar ainda que os dados discutidos acima se distinguem dos dados em (52a), (53a) e (54a), em que se tem igualmente o fenômeno da concordância neutra. Nesses casos, as expressões que ocupam a posição de sujeito não podem ser analisadas como uma situação, como pode ser visto em (52b), (53b) e (54b), ainda que os predicados presentes nessas sentenças sejam compatíveis com SCs e com os tipos de DP apresentados acima, como ilustrado em (55). Além disso, o DP não precisa ser modificado, como no caso de denotação de uma situação, mas deve ser genérico (ver exemplos em (c)). No caso das sentenças em (52)-(54), os predicados se aplicam a uma atividade relacionada ao sujeito.

(52) a Água é bom para a saúde.

b *Água é intolerável / passageiro

c *A água da mina do meu sítio é bom para a saúde.

(53) a Coca-cola é perigoso.

b *Coca-cola é intolerável / irreversível

c *A coca-cola que eu comprei ontem é perigoso.

(54) a Crianças é divertido / cansativo.

b *Crianças é intolerável / inconcebível.

c *As crianças do meu vizinho é cansativo.

- (55) a Alunas que bebem é cansativo.
b A Maria bêbada é divertido.

Vimos nesta seção, primeiramente, que o constituinte sujeito da sentença em (1b) pode ser analisado como uma SC, explicando dessa forma a concordância neutra observada. Em seguida, notamos que, além de SCs, DPs também podem aparecer como sujeito de construções copulares que apresentam concordância neutra. Não discutiremos neste artigo a estrutura desses DPs, nem o que permitiria essa concordância neutra. As propriedades descritas aqui, no entanto, apontam questões que devem ser consideradas em estudos futuros. Vimos que SCs e DPs sujeitos dessas construções podem denotar uma situação. Vimos também que DPs podem denotar uma atividade/eventualidade. Assim, será necessário explicar o que esses constituintes têm em comum que permite a produção dos efeitos semânticos observados; isto é, que permite que eles sejam compatíveis com predicados que teriam como argumento uma situação ou uma atividade. Além disso, se a concordância deve ser tratada em termos de valoração de traços-phi presentes no DP, no adjetivo e na cópula (CHOMSKY, 2000, 2001), deve-se explicar por que não há concordância entre o DP, de um lado, e a cópula e o adjetivo, de outro, mas há concordância dentro do DP, entre determinante, nome e adjetivos.

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi discutir os dois tipos de sentenças com cópula apresentados em (1). Vimos que as duas sentenças se estruturam sintática e semanticamente de maneiras diferentes. Em (1a), o adjetivo *bêbada* é um predicado secundário e o predicado *chata* se aplica ao indivíduo Maria. Observamos que *bêbada* tem como leitura preferencial a de um predicado depictivo circunstancial, com desdobramentos em escopo de foco e negação. Assumimos que, nessa interpretação, o predicado secundário está adjungido a IP. Na interpretação de depictivo típico, menos saliente, o predicado secundário está adjungido a VP.

Por sua vez, a sentença em (1b) não expressa uma predicação sobre um indivíduo, mas trata-se de uma predicação sobre uma situação. SC são constituintes que podem denotar situações e é essa a estrutura que assumimos para o sujeito de (1b). Considerando-se a análise clássica de que a cópula seleciona uma SC, temos aí um exemplo de uma SC dentro de outra SC, ou seja, a SC selecionada pela cópula *ser* tem como sujeito uma SC. Essa análise, no entanto, não explica o fato da concordância neutra ou *default*. O exemplo em (6) mostra que essa concordância especial se dá também com constituintes diferentes de SC. Mostramos que a sentença em (6) é diferente de (1b) e deixamos em aberto a explicação técnica para o padrão especial de concordância.

REFERÊNCIAS

- AARTS, B. *Small Clauses in English: the nonverbal types*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1992.
- ASHER, N. *Reference to abstract objects in discourse*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

- BALTIN, M. R. A nonargument for Small Clauses as constituents. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 29, n. 3, p. 513-515, 1998
- CARREIRA, M. *Diagnósticos de constituição para construções predicativas adjetivais*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Org.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- _____. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Org.). *Step by Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CONTRERAS, H. Small Clauses in Spanish and English. *Natural Language and Linguistic Theory*, New York, v. 5, n. 2, p. 225-243, 1987.
- FOLTRAN, M. J. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. 1999. 206 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- FOLTRAN, M. J.; RODRIGUES, P. *On denoting abstract entities*. (In)Definites and Weak Referentiality. Florianópolis, 2012. (Comunicação oral).
- FOLTRAN, M. J.; RODRIGUES, P.; CARREIRA, M.; MOREIRA, T. D. *Complex Small Clauses constructions in Brazilian Portuguese*. IX Workshop on Formal Semantics. Rio de Janeiro, 2012. (Comunicação Oral).
- GEUDER, W. *Oriented adverbs: issues in the lexical semantics of event adverbs*. 2002. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Tübingen: Universidade de Tübingen.
- HAEGEMAN, L.; GUÉRON, J. *English grammar: a generative perspective*. Oxford: Blackwell, 1999.
- HEGARTY, M. Semantic types of abstract entities. *Lingua*, Cambridge, v. 13, p. 891-927, 2003.
- HIMMELMANN, N. P.; SCHULTZE-BERNDT, E. Issues in the syntax and semantics of participants-oriented adjuncts: an introduction. In: HIMMELMANN, N. P.; SCHULTZE-BERNDT, E. (Org.). *Secondary predication and adverbial modification: the typology of depictives*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2005. p. 1-68.
- NEGRÃO, E.V.; MÜLLER, A. L.; NUNES-PEMBERTON, G.; FOLTRAN, M. J. O adjetivo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2008. p. 371-396.
- NICHOLS, J. *Predicate Nominals: a partial surface syntax of Russian*. Berkeley: University of California Press, 1981.

RIO-TORTO, G. Para uma gramática do adjetivo. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 103-129, 2006.

SAFIR, K. On Small Clauses as constituents. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 14, n. 4, p. 730-735, 1983.

SIMPSON, J. Depictives in English and Warlpiri. In: HIMMELMANN, N. P.; SCHULTZE-BERNDT, E. (Org.). *Secondary predication and adverbial modification: the typology of depictives*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2005. p. 69-106.